

JUSTINIANO DE SERPA

Justiniano José de Serpa nasceu em 6 de junho de 1876 na cidade de Aquidauana, Ceará, e faleceu no Rio de Janeiro no dia 27 de agosto de 1923, aos 47 anos de idade. Bacharel pela Faculdade de Direito do Recife, em 1898, trabalhou na carreira pública em decorrência do grande dom de oratória que possuía. Foi deputado provincial do Ceará (1892/1899), deputado federal pelo Ceará (1900/1917), e presidente do Conselho de 1920 até a morte. No período em que viveu no Rio de Janeiro, trabalhou como bibliotecário na biblioteca do estado (atual) e também se dedicou ao magistério em cursos de Direito, Letras e do Ginásio Artístico. Em Recife, em 1913, foi eleito presidente da Faculdade de Direito da Paraíba.

Jornalista e poeta, colaborou em vários jornais da capital cearense, como a *Revista da Imprensa* e o *Diário da Manhã*. Foi também autor de obras de ficção e de estudos literários. Sua obra poética é bastante rica e abrange diversos gêneros literários.

ANTOLOGIA DOS POETAS DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

no período de 1896 a 1900. Tese de doutorado em Letras, apresentada ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) em 1998. A obra foi publicada em 2001, sob o título de *Antologia dos Poetas da Academia Cearense de Letras*. A obra é organizada em dois volumes, sendo o primeiro dedicado aos poetas que foram membros da Academia Cearense de Letras no período de 1896 a 1900. Este volume contém os poemas de 18 poetas, sendo que 10 deles foram membros da Academia Cearense de Letras. A obra é organizada em ordem alfabética, de acordo com o nome de cada poeta. Cada poema é acompanhado de uma breve biografia do autor, bem como de uma introdução ao texto poético. A obra é uma importante contribuição para o conhecimento da poesia cearense e para a história da Academia Cearense de Letras.

A REDENÇÃO DO ACAMAPÉ

LEONARDO MORAES
1901

Vence a Fúria e o Desejo,
Que se iluminam de luz,
Das cinzas do Procelso
Resurgem novos deuses,
Tremem a fim a umbrais,
Magnando a Legalidade,
Que tem a sombra e não tem luz,
Que um povo que se redime,
É um exemplo sublime,
Que a Féria é Glória condida.

O céu se veste de espumas,
A terra de luz e flores,
O sol se adorna das pássaros.

MARTINZ DE AGUIAR

Antônio Martinz de Aguiar e Silva nasceu na cidade de Caucaia, Ceará, em 4 de março de 1893 e faleceu em Fortaleza no dia 30 de agosto de 1974, aos 81 anos de idade. Coursou o Liceu do Ceará demonstrando um grande pendor para línguas (Português, Latim, Francês e Espanhol). Iniciou a vida trabalhando no comércio e, posteriormente, no jornal *Unitário*, como repórter, gerente e redator-secretário. Dedicou-se ao magistério ensinando nos seguintes estabelecimentos: Ginásio São João, Instituto São Luís, Colégio São José, Escola de Comércio da Fênix Caixeiral, Colégio Militar de Fortaleza e Liceu do Ceará, onde após concurso, foi professor de Português.

É considerado o mais importante filólogo do nosso estado. Jornalista primoroso com colaboração efetiva em jornais e revistas abordando temas de sua especialidade. Na juventude foi poeta, ocasião em que adotou o pseudônimo de Hurdício Alvinz. Publicações: *Repasse crítico da gramática portuguesa*, 1922 (tese de concurso); *Cirandas infantis*, (separata da Revista do Instituto do Ceará); *Notas e lições de Português*, 1942; *Notas de Português de Filinto e Odorico*, 1955; e *Notas e estudos de Português*, 1971. Recebeu as seguintes homenagens: Medalha de Prata Comemorativa da Proclamação da República, Medalha Justiniano de Serpa do governo do estado e Doutor *Honoris Causa* da Universidade Federal do Ceará.

Ingressou na Academia Cearense de Letras no dia 21 de maio de 1930, por ocasião da sua segunda reorganização, ocupando a cadeira número 19, cujo patrono é o poeta José Albano. Eleito vice-presidente da instituição, exerceu, por muitos anos, a presidência em virtude do estado de saúde do presidente Antônio Sales. Foi membro do Instituto do Ceará e membro correspondente da Academia de Filologia do Rio de Janeiro.

DÚVIDA INÍQUIA

A OPHÉLIA

TU SOFRES PORQUE DUVIDAS

EU SOFRO POR DUVIDAR!...

LUÍS EDMUNDO

*Morena, bela, espanejante e altiva
entre as rosas, das rosas a mais viva,
vivia como irmã.*

*Olhar sereno, divinal, mimoso...
Rindo – um cavatinar delicioso:
Hermengarda loiçã!*

*Viu-a, um dia, um colibri doirado
e ficou louco, louco, apaixonado
o pobre beija-flor.*

*Mas, linda, contestando o seu anseio,
Num momo, disse Ophélia: - "Ó eu não creio,
Não creio em teu amor!"*

(2/XI/914, 4h, tarde)

FONTE: POEMA SELECIONADO PELO DR. ÁLCIMO CAVALCANTE DE AGUIAR

MANHÃ DE LUZ

À MINHA SANTINHA (OFÉLIA)

*A luz dardeja em solfas de harmonia,
volita o beija-flor opalescente,
pássaros cantam, módulos, ridente
é toda a natureza, que extasia.*

*Gargalha o jardim, flóreo e refulgente,
sopra o favônio e o roseiral ansia;
vermelhejam papoilas, inebria
o doce branquejar do lírio albente.*

*Pisando a grama, em trilos e ofegante,
ofega e surge a tua iluminura,
guache fino, perfeito e coruscante.*

*E ao contemplar-te assim, formosa e pura,
a Natureza, extática, hesitante,
perde harmonia, luz e formosura.*

Fort. 4/IV/915, tarde

FONTE: AGUIAR, MARTINS DE. MATTINATA DI LUCE. REV. FÊNIX, FORTALEZA, v. 2, n. 18, NOV. 1913. P.8-9. (POEMA SELCIONADO PELO DR. ÁLCIMO CAVALCANTE DE AGUIAR).